



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA- DG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

POLIANA MARIANO DE ARAÚJO

**CATEGORIAS DE ANÁLISE E ATIVIDADES LÚDICAS NO ENSINO
DE GEOGRAFIA**

CAMPINA GRANDE – PB

2016

POLIANA MARIANO DE ARAÚJO

**CATEGORIAS DE ANÁLISE E ATIVIDADES LÚDICAS NO ENSINO
DE GEOGRAFIA**

Trabalho de conclusão de curso em forma de artigo apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial a obtenção do título de Licencianda em Geografia.

Área de concentração: Ensino em geografia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Josandra Araújo Barreto de Melo.

Campina Grande – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663c Araújo, Poliana Mariano de
Categorias de análise e atividades lúdicas no ensino de
geografia [manuscrito] / Poliana Mariano de Araújo. - 2016.
27 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Josandra Araújo Barreto de Melo,
Departamento de Geografia".

1. Ensino de geografia. 2. Categorias de análise. 3.
Atividades lúdica. I. Título.

21. ed. CDD 372.891

POLIANA MARIANO DE ARAÚJO

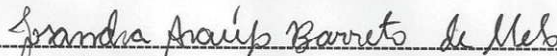
**CATEGORIAS DE ANÁLISE E ATIVIDADES LÚDICAS NO ENSINO
DE GEOGRAFIA**

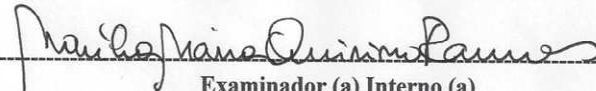
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.

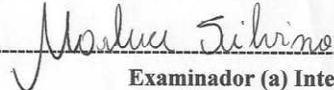
Área de concentração: Ensino em Geografia
Orientador: Prof. Dr. Josandra Araújo Barreto de Melo

Aprovado (a) em: 26/04/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^(a) Dr.^(a) Josandra Araújo Barreto de Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Examinador (a) Interno (a)
Prof.^(a) Ms Marília Maria Quirino Ramos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Examinador (a) Interno (a)
Prof.^(a) Ms Marluce Silvino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

A minha família, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) pela oportunidade de fazer uma graduação.

Ao Departamento e à Coordenação do Curso de Geografia pela disponibilidade e dedicação.

Aos professores do Curso de Geografia da UEPB, em especial, Minha orientadora Josandra, a Juliana Nobrega, Marília Maria, Lúcia Serafim, Daniel, Margarida Magalhães, João Damasceno, Walber, Suelen, Jaqueline, Faustino, Lediam, Ivanildo, Iolanda, Evangelista Porto, Joana, Aretuza, Magnólia, Hermes, Rafael Xavier que contribuíram ao longo da graduação, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, Fredlúcio Maurício Rodrigues de Sá, Rayanne, Pablo e Deyse pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

A Orientadora Prof. Dr^a. Josandra Araújo Barreto de Melo pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação em cada correção assim como disponibilidade e apoio psicológico.

Aos componentes da Banca Marília Maria Quirino Ramos e Marluce Silvino por ter aceitado.

A turma do 3º “E” do ano de 2013 que se fez disposta as atividades sugeridas.

Ao Órgão de pesquisa, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPEs. Assim como a Escola Estadual de Ensino Inovador e Profissionalizante Hortêncio de Souza Ribeiro – PREMEM.

Ao meu avô Severino Paulo, a minha mãe Apolônia Josefa, aos meus irmãos José Nivaldo, Sandreana, Ana Lúcia, José Geraldo, Geralda, Reginaldo, Jailson e Lígia, as minhas sobrinhas Maria Clara, Maria Júlia e Jasmine pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

A minha avó Josefa Maria (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos colegas de classe em especial a Jéssica Inocêncio pelos momentos de amizade e apoio, assim como os amigos de Jornada Lais Santana, Dayany Oliveira, Wagner Alves, Edinaldo Gomes e Enildo Ferreira os quais sempre estiveram ao meu lado.

EPIGRAFI

“Certo, nós não mudaremos o mundo, mas podemos mudar o modo de vê-lo.” (Santos, 2012, p.40).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 Ensino de Geografia	9
2.2 Potencialidades do Ensino de Geografia	11
2.3 As Categorias Paisagem e Lugar no Ensino de Geografia.....	12
2.4 A Importância da Inovação Metodológica nas Aulas de Geografia: O papel das atividades Lúdicas	14
3 METODOLOGIA.....	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
4.1 Caracterização da Escola e da Turma em que foi Desenvolvida a Intervenção.....	17
4.2 Apresentação da Intervenção.....	19
4.3 Relação Professor Aluno.....	21
5. CONCLUSÃO.....	22
6. ABSTRACT	23
6.REFERÊNCIAS.....	24

RESUMO

CATEGORIAS DE ANÁLISE E ATIVIDADES LÚDICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O ensino descontextualizado ainda “persiste” em caracterizar as aulas de Geografia, dificultando o interesse dos alunos nos conteúdos a serem ensinados, pode-se mudar o cenário através das metodologias utilizadas em sala de aula: o lúdico é uma das alternativas. O presente trabalho relata a experiência desenvolvida na turma do 3º ano “E” do Ensino Médio Inovador e Profissionalizante Hortêncio de Sousa Ribeiro, na cidade de Campina Grande-PB, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID/CAPEs/UEPB-subprojeto de Geografia. O seu principal objetivo consistiu em mostrar possibilidades de trabalhar na abordagem do tema “o que minha percepção alcança”, através das categorias geográficas lugar e paisagem, que estão diretamente ligadas à vivência do aluno, desarticulando a problemática do ensino descontextualizado na vida escolar. Com método fenomenológico, fazendo a utilização de metodologias inovadoras que incentivam a criatividade do alunado através do lúdico: registros fotográficos para a confecção de um relato seja ele em forma de paródia, verso, etc. Assim, tendo um mural como prova dos resultados obtidos de que se pode fazer uso dos recursos (câmeras fotográficas, celulares) já disponíveis pelos próprios alunos, atribuindo aos recursos didáticos que podem e devem ser explorados pelos professores, contribuindo para que as aulas sejam mais interativas e que as atividades propostas não tornem um fardo para o dia-a-dia dos discentes. Educadores têm de se adaptar às novas gerações, cujos indivíduos já nasceram familiarizados, onde tudo é iterativo e prático.

Palavra Chave: Ensino de Geografia; Categorias de Análise; Atividades Lúdicas.

INTRODUÇÃO

Atualmente, busca-se um ensino de qualidade, garantindo o crescimento e desenvolvimento intelectual dos alunos, tendo como ponto de partida as séries iniciais, as quais são suporte para a construção do conhecimento, pois o ensino descontextualizado perpassa gerações.

Se voltarmos nossos olhares para nossas práticas de ensino em sala, veremos que algo deve ser mudado, pois como é muito discutido: a metodologia não corresponde à realidade dos alunos, assim deixando as aulas enfadonhas, desinteressantes, contribuindo para o fracasso do ensino escolar.

E se tratando do ensino de geografia, tem se observado uma situação mais delicada. Desde a geografia passou a fazer parte das disciplinas no currículo escolar, não conseguiu acompanhar as transformações no tempo e no espaço devido aos problemas “ancorados” em

sua trajetória. No entanto, a inovação das aulas é de suma importância para a existência da disciplina, propagando o conhecimento geográfico por meio de projetos pedagógicos desenvolvidos nas séries iniciais e médio, dando novo significado a geografia escolar. Oliveira, et al. (1998, p. 141) salienta:

A Geografia, como as demais ciências que fazem parte do currículo de 1º e 2º graus, procura desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade, tendo em vista a sua transformação.

O autor acima, ressalva o compromisso que o professor deve ter com seus alunos através dos conteúdos a serem ensinados.

Ao longo deste trabalho, será visto como a percepção é abordada pelos alunos, voltada mais para as lembranças, como Cunha (1989, p. 32) elenca: “o ver fenomenológico que se dá no cotidiano produz, através da experiência, formas diversas de perceber a realidade, que passam pelos sentidos, lembranças e emoções”. Isso pelo simples fato de: a paisagem fazer parte da sua história de vida, caracterizando o lugar, ou seja, dando significado aos momentos vividos.

As categorias geográficas, paisagem e lugar, mostram-se presentes na execução do projeto assim como é enfatizado a possibilidade de adaptar novas metodologias para o ensino de geografia, tendo como ponto de partida a vivência dos alunos, os quais se sentem motivados a participar das aulas de geografia, assim como de outras disciplinas. Callai (2000, p. 89), afirma que: “o estudo do lugar pode se entender para muito além do texto, e podem-se utilizar outros recursos como a observação de uma paisagem, fotografias, filmes, etc.”, ou seja, a percepção.

O presente estudo torna-se pertinente por buscar compreender como as categorias geográficas (paisagem e lugar) são abordadas no ensino de geografia e como os alunos têm interpretado tais categorias. Tendo o objetivo de mostrar possibilidades de trabalhar na abordagem do tema “o que minha percepção alcança”, por meio dessas categorias que estão diretamente ligadas à vivência do aluno, mostrando como interferem na formação intelectual dos mesmos, além de tornar as aulas mais interessantes com a participação dos alunos, desarticulando a problemática do ensino descontextualizado na vida escolar dos mesmos.

Visto que o ensino de geografia se caracteriza numa formalidade, onde professores insistem em lecionar aulas apenas tradicionais, tendo o livro didático como seu único recurso, as aulas ficam desinteressantes para os alunos. Rupel (2009, p. 08), destaca que:

Através da utilização do lúdico na educação, vários objetivos podem ser atingidos, não só em curto prazo, mas também, objetivos em longo prazo, como, o desenvolvimento do raciocínio, do pensamento crítico, da criatividade, da formação de indivíduos pró-ativos, que buscam soluções para as situações que se apresentam.

Por esse motivo, as intervenções dos alunos licenciando, principalmente os de geografia nas escolas (públicas) por intermédio do PIBID/CAPEs/ UEPB, vêm sendo satisfatório no que diz respeito às inovações metodológicas no ensino geográfico, sendo que estes muitas vezes eram trabalhados sem nenhuma ligação com a vida do aluno. Assim como na sua formação enquanto graduando, conhecendo seu futuro espaço de trabalho. Contribuindo certamente para uma desmistificação dos conteúdos de geografia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Ensino de Geografia: caracterização do Ensino de Geografia nas escolas brasileiras

A história do ensino de geografia nas escolas brasileiras desde seu surgimento até os dias atuais mostra-se que se trata de uma disciplina um tanto desvalorizada, esquecida por parte de quem estuda e ensina esta ciência.

A história da geografia nas escolas brasileiras inicia no período colonial pelos jesuítas porem ensinadas ainda sem distinção, os quais seguiam um formato europeu por meio do plano de estudo da “Companhia de Jesus” no final do XVII que se perdurou por mais de duzentos anos. Como Rodrigo, (2007, p.30) ressalva que:

Por volta de 1599, os jesuítas selecionavam o plano de estudo da Companhia de Jesus, mas conhecido como *Ratio atque Institutio studiorum Societatis Iesu*. A partir da institucionalização desta lei os colégios presentes no território brasileiro passavam a ser regidos pelas regras de organização e funcionamento, presentes no *Ratio Studiorum*.

No século XIX ocorreu a institucionalização da geografia no currículo escolar, esta implantada por volta de 1837 no – Imperial Colégio Pedro II, o qual resistiu até certo tempo no período republicano.

Vale ressaltar que o período republicano caracterizado pelo processo de transformação na reforma educacional, planejada por militares, engenheiros, professores entre outros

profissionais. A partir daí foi implantado um currículo no ensino fundamental onde abordavam a geografia física do Brasil, cartografia e astronomia, estas caracterizando o início da geografia moderna e mais tarde teve ascendência por romper com a forma “descritiva” fazendo uso de novas metodologias de ensino nas salas de aulas.

Segundo Aguiar (2010) a geografia no Brasil na década de 1970 foi marcada pela Nova Geografia e a Geografia Crítica com Ariovaldo de Oliveira e Eliseé Reclus, os quais permitiram o acesso da geografia ao materialismo histórico e dialético como um movimento crítico e unificador. Nesse contexto, Carlos (2010, p.9) frisa que: “dividimos a trajetória da geografia brasileira em três grandes períodos: o Colonial, o Imperial e da Primeira República e o moderno- este iniciado nos anos 30”.

O período colonial foi o início da educação assim como da disciplina geografia no Brasil, ainda de forma “camuflada” nos conteúdos ministrados pelos jesuítas sob um plano europeu que fugia da realidade em que eles estavam vivendo, mas que de certo modo foi o início da qual se conhece. Já o período Imperial e Republicano, pode-se dizer que foi o início da implementação da geografia em quanto disciplina no currículo nas escolas brasileiras, principalmente no Colégio Pedro II, este, referência em todo território. E o período moderno iniciado na década de 1930, foi à ruptura de tudo o que vinha sendo ensinado nas salas de aulas referente à disciplina geográfica, esta que teve um posicionamento no currículo escolar, ainda de forma tímida. Porém já começava a mudança a partir da formação de professores nas academias com o propósito de aperfeiçoar nas metodologias assim como os conteúdos a ser ensinado em sala este que há muito tempo vinha sendo destacado pelos estudiosos da época.

Diante dos fatos históricos no ensino de geografia nas escolas brasileiras, deve destacar que até aqui a metodologia utilizada era de maneira, decorativa e descritiva, relação mestre e discípulo, não havia reflexão, questionamentos nem interação professor com aluno. Porém com a intervenção de Dermeval Saviane e Paulo Freire com suas propostas pedagógicas assim como outros teóricos contribuíram para uma geografia mais crítica, com intuito de abolir as metodologias assim como os conteúdos desarticulados com a realidade dos alunos, ensinados nas salas de aulas.

As décadas de 1980 e 1990, momentos de grandes mudanças na educação brasileira assim como na disciplina de geografia. De acordo com o histórico da trajetória da geografia, na década de 1980, houve um aumento de publicações pedagógicas diversificadas em sua maioria baseada nas propostas das Secretarias de Educação dos estados e municípios. Já em 1990 a intervenção dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s com a organização dos

conteúdos as serem ministrados nas salas de aulas, contribuindo na adequação dos livros trabalhados pelos professores por meio do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD por intermédio do Ministério da Educação – MEC.

Assim, diante dos fatos relatados, pode-se dizer que a geografia passou muito tempo estagnada em metodologias monótonas, porém avançou significativamente com mudanças inovadoras, com o passar dos anos foram se aperfeiçoando. E uma das provas que esta ciência está tendo devida atenção é a interação entre o mundo acadêmico e as escolas (em especial as públicas) que através de projetos de pesquisas entre outros em especial o Programa Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID vem desmistificando o ensino descontextualizado na vida dos alunos refletindo no espaço em que está inserido, por meio de metodologias articuladoras em muitos casos ousadas, mas que de certo modo tem contribuído para a identidade da geografia.

2.2. Potencialidades do Ensino de Geografia

A geografia escolar deve-se estender para além das salas de aulas, pois os alunos não podem ficar presos apenas em alguns conteúdos sem a relação com o cotidiano. O conhecimento geográfico é relevante para a compreensão do mundo. Como se sabe a geografia como disciplina escolar revela as disparidades espaciais e enriquece o saber através das representações em um meio social, porém desde sua origem se caracteriza como algo de complemento de caráter decorativo.

Mas se posicionar como profissional crítico certamente modificará suas metodologias, uma vez que vários recursos são disponibilizados tanto pela instituição de ensino como os próprios alunos, aumentando o potencial nas aulas, mostrando a gama de conhecimento que pode ser explorado dessa disciplina, para fins informativos como: social, políticos, econômicos e ambiental, trazendo o alunado para um universo até então desconhecido por eles na geografia. Para estudar esta disciplina não precisa decorar, mas interpretar, conhecer e tentar entender como se funciona para que possa ter um bom conhecimento/rendimento escolar. Castrogiovanni, (2000, p.176) afirma que:

A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar as novas leituras de vida. A vida é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias. A escola parece ser homogênea, opaca, sem brilho no que se refere a tais características. O estudo do espaço geográfico deve contemplar a compreensão das estruturas, das ideias, dos sentimentos, das paisagens que ali existem como os quais os alunos estão envolvidos ou que ali envolvem. É urgente teorizar a vida, para que os alunos possam

compreendê-la, representa-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses.

Por isso, o processo de ensino a representação do *lugar* através da *paisagem* (categorias geográficas) possibilita a inserção do meio do indivíduo, levando a compreender o seu espaço de vivência. Apesar da contribuição das diversas correntes (tradicional, humana, quantitativa ou crítica) da geografia, a mesma ainda mantém um déficit nas metodologias utilizadas nas escolas brasileiras sendo considerada longe da realidade dos alunos.

Mas, por que tanta resistência em aulas monótonas, desarticulada com o cotidiano? Por que deixar anônimo a importância do conhecimento geográfico na vida dos alunos, já que estes sempre questionam a necessidade de estudar esta e outra disciplina? Estas e outras perguntas nos afirmam que a geografia não está sendo ensinada como deveria ser. Por isso, escutamos de vários alunos que a geografia é chata, cansativa, decorativa entre outros adjetivos que dê configura o que seria o conhecimento geográfico.

Então para conseguirem mudanças nesse quadro, deve-se fazer uso das novas metodologias de ensino em sala de aula para melhor compreensão dos conteúdos a serem ensinados. Sabe-se, que para que haja mudança têm que haver interesse e disponibilidade de todas as partes: alunos, professores, gestão escolar, família, comunidade, ou seja, todas as instâncias dentro e fora do espaço da escola.

2.3. As categorias Paisagem e Lugar no Ensino de Geografia

Dentre as categorias trabalhadas na geografia foram escolhidas duas: Paisagem e Lugar, estas bastante utilizadas em sala e as mais compreendidas pelos alunos, assim como perceptíveis no dia-a-dia dos mesmos.

Pode-se conceituar a categoria *paisagem* como algo que pode ser detectado no tempo e nos espaços mais distintos, partindo dos sentidos naturais do ser humano: tato, olfato, paladar, audição e visão onde um ou conjunto deles pode nos levar a percepção da paisagem, esta projetada a partir da simples lembrança de um momento vivido em um determinado lugar. Assim, Silva (1991, p.34 e 35) destaca que:

A paisagem humanizada é uma forma de apropriação da natureza pelo homem, como percepção (sentir, instruir, identificar pelos sentidos) consciência (compreensão por idealização e elaboração do conceito) e trabalho. Por isso a paisagem, que é o lugar social percebido e

compreendido, enquanto expressão de ações, relações e objetos sociais- é o fazer-se físico da natureza seu ser para outro.

Paisagem remete-se mais do que as lembranças, mas uma análise do que a compõe. Pois dependendo da imagem a percepção pode ir muito além do visível, como todas as coisas que direta ou indiretamente estão presentes e que ao longo do tempo pode ser identificadas, principalmente quando referido ao lugar de vivência, este rico em significado, atribuído de valor real representativo ou simbólico este último exposto em sala.

Suetergaray, (2005, p. 32) destaca que: “[...] o conceito de paisagem assume um sentido mais abrangente, trata-se de um texto (uma produção humana), cujo significado e sentido diz respeito à construção cultural.”

Para Santos, (2012, p.54), “A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou direção”.

Diante das afirmações considerar-se a categoria *paisagem* importante para a compreensão e interpretação dos alunos e realidade em que vivem, assim como, o *lugar* este espaço das paisagens.

Mas o que é lugar? O que esta categoria representa? O lugar enquanto categoria geográfica remete-se a identidade do ser enquanto agente de um determinado espaço ou que fez parte. Pois este conceito é o somatório de sentidos e significados do indivíduo em uma parcela do espaço físico com espaço imaterial, aquele que não é palpável, mas, vivido, e quando vivido com emoções, ganha destaque na análise espacial atribuindo mais significados.

O lugar através de nossas necessidades existenciais quais sejam, localização, posição, mobilidade, interação com os objetos e/ou com as pessoas. Identificar-se esta perspectiva com a nossa corporeidade e, a partir dela, o nosso estar no mundo, no caso, a partir do lugar como espaço de existência e coexistência.” (SUERTEGARAY, 2005, P.54).

O espaço de vivência quando explicado no contexto geográfico ganha destaque nos discursos entre aqueles que estão inseridos no lugar. Callai (2000, p.84) afirma que: “estudar e compreender o lugar em geografia significa entender no espaço onde vive para além das suas condições naturais ou humanas”

Percebe-se que paisagem e lugar são categorias geográficas de fácil identificação e interpretação, estas por serem simples contribuem para a compreensão do saber geográfico. “O espaço como percepção de forma e movimento é psicologicamente, a consciência de si em

seu entorno. Este entorno se põe como espaço geográfico” (SILVA, 1991, p.33). “Na perspectiva encaminha a leitura geográfica para uma compreensão hermenêutica, onde o que se busca é compreender, interpretar o sentido vivido a partir dos significados criados, construídos e, por consequência materializada no espaço geográfico” (SUERTEGARAY, 2005, p. 31 e 32).

O espaço geográfico apresentado pelos alunos em sala, nada mais é do que a representação de suas vivências, estas partilhadas em sala com emoções diante dos relatos expostos, dando ênfase às categorias geográficas aqui apresentadas que até então passava despercebidas pelos alunos.

2.4. A Importância da Inovação Metodológica nas Aulas de Geografia: o papel das atividades lúdicas

O ensino descontextualizado ainda caracteriza as aulas de geografia, dificultando o interesse dos alunos nos conteúdos a serem ensinados, mas pode-se mudar o cenário através da metodologia utilizada em sala de aula: o lúdico é uma das alternativas.

Diante do mundo dinâmico, jamais se deve justificar o déficit em sala de aula, por falta de recursos, assim como adequar a maneira de ensinar as categorias geográficas de acordo com o tempo em que está vivendo, pois, muitos professores cometem um equívoco quando persistem na mesma forma de ensinar como se tudo continuasse do mesmo jeito. Se prestarmos atenção as próprias categorias, elas expressão mudanças quando analisadas em determinados tempo e espaços. Rupel, (2008-2009, p.03) afirma:

Oferecer aos educandos oportunidades para que desenvolvessem em sala de aula atividades diversificadas, propiciando o desenvolvimento da ludicidade, levando o aluno a gostar de aprender, ou seja, aprendendo de uma maneira simples, brincando, muitas vezes sem perceber que está estudando, de uma forma dinâmica e atrativa, aproximando o aluno do conhecimento geográfico.

Assim, observando de forma crítica se entende que o lúdico está presente na vida dos alunos desde o ensino infantil e que sempre fará, pois é uma maneira de ensinar e aprender sem ser exaustivo, pelo contrario, instiga ainda mais.

O lúdico é um fenômeno social que promove fascinação, distração e alegria imediatas na vida humana, é de fundamental importância para melhor

relacionamento e vivência, além da percepção da realidade de mundo dentro de uma contextualização social. (SANTANA., et al, 2014, p. 2-3)

A utilização de metodologias inovadoras nas salas de aulas vem aumentando o nível de aprendizagem e desmistificando os paradigmas ancorados na educação, e na disciplina geografia não é diferente, pois o conhecimento geográfico está sendo descoberto, analisado, interpretado e discutido pelos alunos de maneira natural, sem receios, sem fadigas. Isso mostra que as mudanças estão ocorrendo e que o lúdico é uma alternativa que está fazendo a diferença, onde objetivos estão sendo alcançados. A ludicidade nas atividades instiga os alunos a usarem suas capacidades cognitivas sem ser pressionados. Com o lúdico tudo flui, principalmente para o alunado que vivem em uma sociedade dinâmica, onde tudo é interativo. Assim, subsidiando as aulas de geografia.

Mas quando se trata de lúdico, muitos professores vêm com discurso que a falta de recurso nas instituições deixa-o impossibilitado de mudar suas aulas, que sempre ensinou com o método tradicional e todos aprenderam. Porém, se prestar atenção basta usar a criatividade, usar recursos que são próprios dos alunos e inovar suas aulas. Como se sabe isso é um desafio que aos poucos professores de geografia estão aderindo.

METODOLOGIA

Com intuito de buscar compreender como as categorias geográficas (lugar e paisagem) podem ser trabalhadas no ensino de geografia e como os alunos têm interpretado, tais categorias, foram utilizados os seguintes recursos: a pesquisa teórica e exploratória por meio do método fenomenológico, o qual dar-se a partir das experiências vividas de um indivíduo, mesmo que este compartilhe o espaço com outras pessoas, pois a percepção é única mesmo compartilhada. Suertegaray (1999, p.31) afirma:

O mundo vivido [...] se funde com os espaços da imaginação e da projeção. É um espaço concreto, porque vivido é único e não único persistente e mutável [...] sendo a expressão de nossas experiências [...] associado a sentimentos de prazer e não prazer.

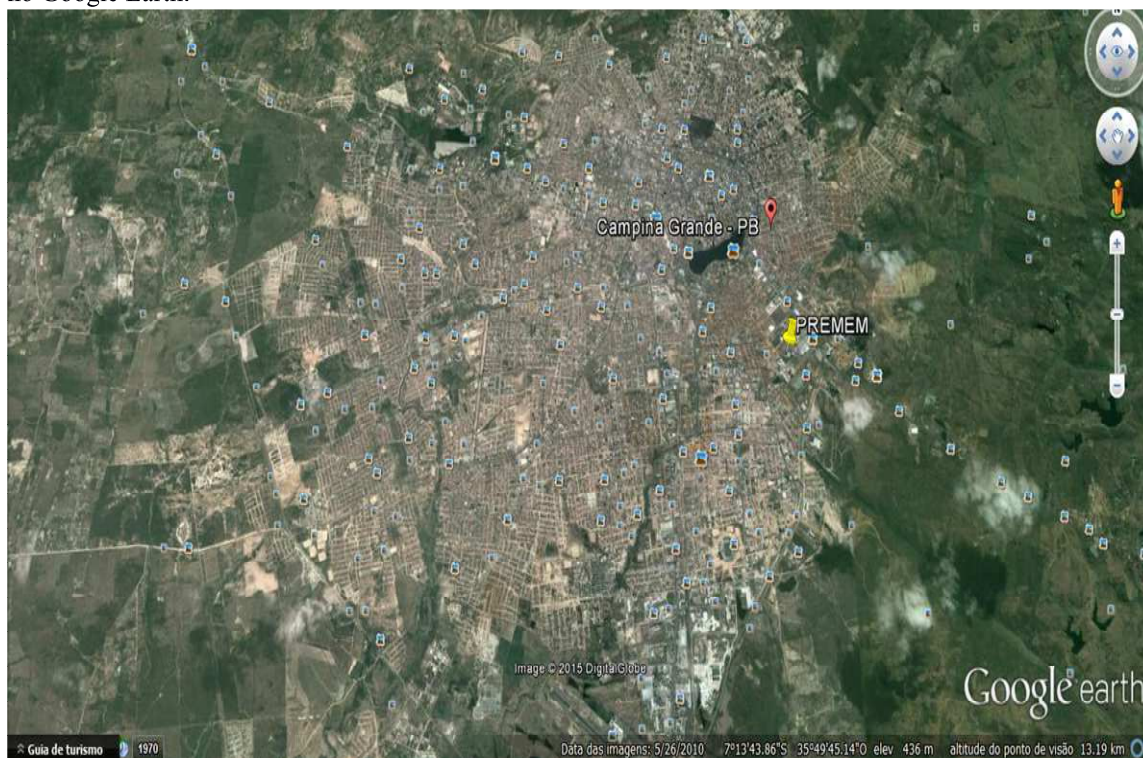
Assim, nos remete a ideia que o conceito fenomenológico parte do resultado da vida em um determinado tempo e espaço o qual é caracterizado pelo indivíduo, o relato do lugar onde vive por meio da percepção a qual se tem a paisagem como representação concreta. Suertegaray (1999, p.3) elenca “três conceitos [...] fundamentais nesta perspectiva, são eles:

espaço, paisagem e lugar”. Estas categorias geográficas presentes na execução do projeto de intervenção abordada pelos alunos partindo das lembranças, emoções, sentimentos, ou seja, a percepção dos alunos.

Para que ocorresse a intervenção foram necessárias observações semanais da turma, assim como do professor regente, os quais contribuíram para que o projeto fosse executado.

A presente pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Médio Inovador e Profissionalizante Hortênsio de Sousa Ribeiro (PREMEN), na cidade de Campina Grande-PB, localizada através da imagem representada pela Figura 1.

Figura 1: Localização da escola PREME na cidade de Campina Grande - PB por Imagem de satélite, pesquisada no Google Earth.



Fonte: Google earth, 20 de maio de 2015 <<acesso às 15h>>

A partir de intervenções na turma do 3º Ano “E” do Ensino Médio, nos meses de novembro e dezembro de 2013, com o intuito de colaborar com as aulas do professor titular, o qual possibilitou executar o projeto por meio de metodologias inovadoras, utilizando-se o lúdico, contribuindo para a construção do conhecimento do aluno.

De início, foram utilizados slides para apresentar o projeto: novas metodologias para o melhor ensino das categorias geográficas. Posteriormente, solicitou que os alunos participassem do trabalho extraclasse, produzindo fotografias que representassem seu lugar de vivência, para depois relatar em forma de paródia, versos, ou mesmo um simples relato,

explicando o que levou a registrar tal paisagem como seu lugar de pertencimento. Depois, cada aluno expôs seu relato para a turma, este momento de partilha do conhecimento e ao término foi montado um mural com os relatos dos alunos e sua representação do lugar de pertencimento.

Tendo as categorias geográficas (lugar e a paisagem), estas estudadas no segundo bimestre de forma tradicional: com leituras no livro didático, discussões e analisadas no quarto bimestre de forma lúdica (extraclasse) por meio de registros fotográficos (de uma paisagem) mostrando como as mesmas possibilitam identificar o desenvolvimento social e intelectual em diferentes espaços no intervalo de pouco tempo.

Com isso, a inovação das aulas através de metodologias voltadas para o lúdico vem desmistificando as aulas de geografia, esta conhecida como: decoreba, chata, enfadonha. De acordo com Rupel (2009, p. 04):

Os educadores das séries iniciais utilizam o lúdico no seu cotidiano. À medida que as crianças vão crescendo o lúdico vai sendo deixado de lado, o que é um erro, pois pessoas de todas as idades aprendem através de atividades que tem sua essência na música, jogos, representações teatrais e diferenciadas formas de expressão.

Assim, fica evidente que o projeto executado foi de grande importância para o ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que foram instigados a analisar o espaço em que vivem, utilizando o conhecimento adquirido sobre as categorias geográficas em sala, como também na maneira de confeccionar os relatos, a dinâmica da sala em apresenta-lo e o suposto mural. Deixando a ideia de que só pode usar o livro didático e que os conteúdos de geografia são estudados apenas no espaço escolar: sala de aula de forma monótona.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

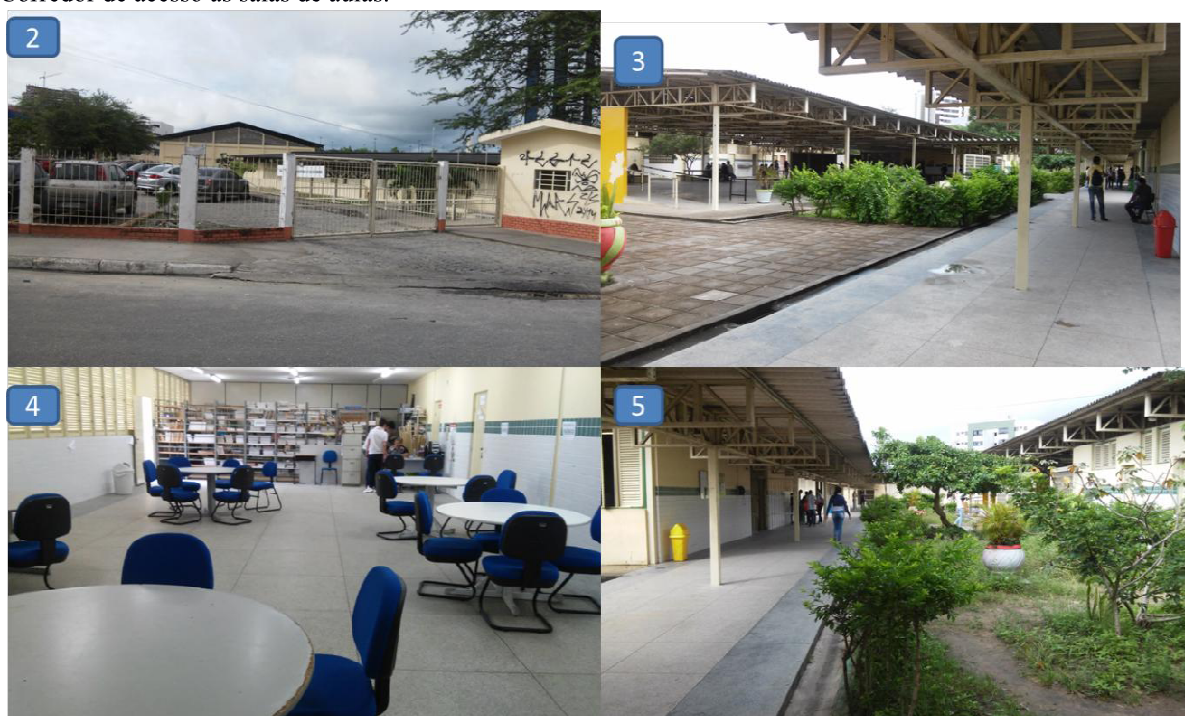
4.1. Caracterização da escola e da turma em que foi desenvolvida a intervenção

A intervenção por meio do PIBID é uma forma de colaborar com as práticas desenvolvidas pelos professores, com o propósito de identificar e solucionar problemas referentes ao ensino-aprendizagem, através de metodologias voltadas para a construção do conhecimento.

Para que ocorresse à intervenção foi necessário à convivência duas vezes semanal durante um ano na instituição, a qual disponibiliza de uma estrutura física conservada e conta com uma equipe de gestores competentes, professores capacitados e turmas numerosas.

A escola dispõe de biblioteca bem organizada e confortável, laboratório de informática, refeitório, sanitários (insuficiente para a demanda), quadra poliesportiva, as salas de aulas são de acordo com a quantidade de alunos, as quais estão distribuídas em blocos. Este espaço educacional transpassa segurança dentro e fora no lugar que está inserido. Pode-se acrescentar que existe o ensino integral, onde alunos tem a oportunidade de aprofundar os conhecimentos adquiridos em determinada disciplina em especial a geografia esta ministrada em três aulas por semana assim como ensino profissionalizante como o PRONATEC. A figura 2, 3, 4, 5 mostra um pouco desse espaço escolar.

Figura 2: Fachada com quadra ao lado esquerdo; 3: Pátio (plano de fundo, banheiros e cantina); 4: Biblioteca, Corredor de acesso as salas de aulas.



Fonte: Poliana

Como mostra a figura, é um espaço bem dividido, este com portaria monitorada pela guarita através de câmeras por toda a escola, jardinagem, arborização entre um bloco e outro, onde estão localizadas as salas, equilibrando a temperatura do ambiente principalmente em dias quentes.

Pode-se dizer que o ambiente contribui para o aprendizado do alunado, pois além do espaço dispõe de equipamentos eletrônicos e de comunicação (tv, Wi-fi, som) motivando-o a

permanecer no espaço escolar por mais tempo, este tornando um lugar de vivência e convivência para os mesmos.

4.2. Apresentação da Intervenção

Como já explícito, o trabalho executado na escola tomou como referência o Lugar e a paisagem, estas categorias geográficas estudadas no segundo bimestre de forma tradicional e no quarto bimestre de forma lúdica, para verificar o retorno do que foi trabalhado ao longo do ano. De acordo com os PCN's (1998, p. 27):

Pensar sobre essas noções de espaços pressupõe considerar a compreensão objetiva da paisagem como lugar, o que significa dizer: a paisagem ganhando significados para aqueles que a constroem e nela vivem: as percepções que os indivíduos, grupos ou sociedades têm da paisagem em que se encontram e as relações singulares que com ela estabelecem. As percepções, as vivências e a memória e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na constituição do saber geográfico.

A metodologia utilizada pelos professores requer maior visibilidade às experiências, vivências dos alunos. A intervenção desenvolvida possibilitou aos alunos do Ensino Médio desenvolver habilidades, partindo de observações, utilizando instrumentos de coleta de informações: registros fotográficos.

- 1- Primeiro Momento: Cada aluno teve que fazer um relato (através de verso, paródia) do seu lugar onde vive (rua, bairro, cidade). Fotografar paisagens, as quais contemplarem o que o relato diz.
- 2- Cada aluno teve que expor seu relato para a turma, explicando o que levou a escolha. Depois dos relatos concluídos foram apresentadas a turma, os quais possibilitou perceber que a maioria se reportava de um momento vivido com familiares, amigos e outros destacaram as mudanças que o lugar sofreu ao longo do tempo.
- 3- Montagem do mural na sala, onde pode perceber a diversidade da percepção por meio das categorias geografias.

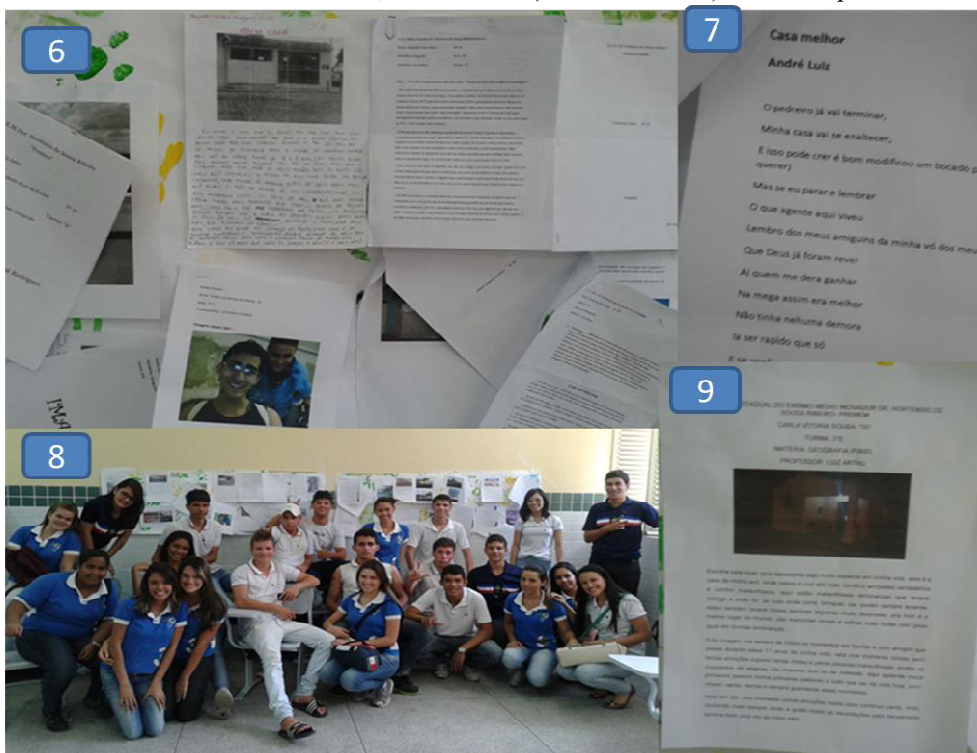
A execução do projeto justifica que se podem trabalhar conceitos geográficos partindo do lugar de vivência dos alunos de forma lúdica. Pois eles mostraram empenho e dedicação: antes, durante e ao término do projeto. Sendo assim, novas metodologias são executadas (não

como imaginamos: total aceitação tanto por parte dos professores como dos alunos), mas, que podem ser adaptadas de acordo com a realidade da turma, pois cada sala de aula é única, por possuir uma identidade própria.

No entanto, há certa resistência por parte dos professores, ou até mesmo dos alunos quando deparados com novas metodologias de ensino, por estarem acostumados com as aulas do mesmo jeito: o professor enche a lousa de conteúdos, estes já contidos no livro didático que certamente caíram na prova e os alunos são praticamente obrigados a copiar e decorar para obter uma boa nota e passar de ano. Por isso a necessidade de mudança metodológica, principalmente o que diz respeito ao ensino-aprendizagem: troca de conhecimento entre professor e aluno.

Os relatos contam a história do lugar dos alunos em um determinado tempo vivido. A maioria relatou sobre bons momentos que passaram em casa de familiares, no qual um aluno relatou em forma de paródia, outro em forma de verso (onde aprendeu fazer um jogo e gosta de ir para jogar), outros relataram lugares de encontro entre amigos. A figura 6, 7, 8, 9 apresenta uma síntese das atividades desenvolvidas.

Figuras 6: Relatos no mural expostos em sala; 7: Paródia: “Casa melhor”, produzida por um dos alunos, a qual relata momentos que vivenciou em sua casa com a família; 8: Relato de uma aluna da casa dos avós onde passou os melhores momentos de sua vida; 9: Atividade (relatos no mural) concluída pelos alunos do 3º Ano “E”.



Fonte: Luiz Arthur/ Poliana Mariano.

Ao término do projeto verificou-se que o maior problema é a desmotivação dos alunos em relação à disciplina de Geografia, os quais estão acostumados com aulas tradicionais: decorar, descrever tudo o que está no livro didático e os professores são os detentores do conhecimento (só ele está certo) desde as séries iniciais.

Desse modo, se faz necessário a inserção de metodologias que relacionem o conteúdo com a vivência dos mesmos. Tendo como ponto de partida as categorias geográficas: lugar e paisagem, estas estudadas em semestres anteriores e que reforçaram a partir do projeto de intervenção.

Este projeto pode ser aplicado nas séries iniciais, de acordo com a realidade da turma devida sua magnitude. Sendo assim, vem desde cedo desmistificando esse estereótipo que criaram das aulas de geografia: que ela só decora todos os assuntos e que no final das contas não serve de nada, assim como o compromisso do professor. Rupel (2009, p.11) frisa que, “para contextualizar a Geografia, devemos fazer uso de diversas linguagens, fazendo com que os alunos relacionem os assuntos discutidos em sala de aula com a sua realidade”. Quando o assunto trabalhado faz relação com a vivência do aluno, este torna mais interessante, deixando os mesmos mais motivados, assim como os professores.

Sabe-se que muitos docentes estão ancorados nas práticas conservadoras, onde a opinião do corpo docente não tem a menor importância.

Partindo do pressuposto que o estudo do lugar contribui para um “clima” mais agradável a relação professor-aluno.

Isso indica que as categorias geográficas estão diretamente relacionadas com a vida do aluno. Indica que o professor pode criar metodologias que levam o mesmo a ter uma relação agradável com seus alunos, onde ambos podem se beneficiar. Segundo Rupel (2009), trabalhar os conceitos-chaves da Geografia, de forma lúdica é se apropriar do processo ensino-aprendizagem, buscando evidenciar o seu papel na articulação de momentos significativos e variados a partir dos conteúdos trabalhados.

4.3. Relação Aluno-Professor

Sabe-se que a relação professor/aluno é algo muito novo para aqueles que estão acostumados a serem os detentores do conhecimento e os alunos segundo Moran (2000) são meramente reprodutores do conhecimento, característico do ensino tradicional onde estão

acostumados a decorar: números, datas, nome de relevos, capitais, muitas vezes sem serventia no processo de aprendizagem.

Por isso muitos, querem saber quanto precisa para ser aprovado e não se realmente aprendeu alguma coisa a não serem as reclamações dos professores durante o ano a dizerem que não querem nada com a vida.

Lembrando que esta relação abarca vários aspectos. Morales (2004) diz que a aproximação dos professores com os alunos é algo que está em evolução, aos poucos está sendo quebrada por aqueles que têm o desejo de darem as melhores aulas, de terem as melhores turmas. “O desejo de mudança da prática pedagógica se amplia na sociedade da informação quando o docente depara com uma nova categoria do conhecimento, denominada digital” (MORAN, 2000, p. 73). O professor percebe que não são os alunos que estão desinteressados, mas suas aulas que não tem o que eles precisam, na verdade a metodologia já não alcança mais os objetivos, necessitando de uma adequação com a vivência dos alunos.

No entanto quando o professor resolve mudar sua didática, todo o ambiente escolar se transforma, começando na sala de aula, com a autonomia dos alunos, Morales (2004, p. 57) afirma que “a autonomia do aluno relaciona-se com a margem de liberdade que lhe é concedida nas atividades de aprendizado, com a ausência de pressão, de prêmios externos”, ou seja, aumenta a confiança e a parceria do professor com os alunos na execução das atividades trabalhadas em sala.

5. CONCLUSÃO

Conclui-se que é possível obter bons resultados se tivermos ótimas práticas, assim foi percebido ao término do projeto, o qual teve a participação e compromisso da turma em meio às outras prioridades. A didática e a forma em geral da educação têm de se adaptar aos tempos e essa geração que já nasceu familiarizada com essas novas formas, onde tudo é interativo, e através do professor adquirir a capacidade crítica de analisar. Sabe-se que o professor não irá mudar o mundo, mas pode “plantar a semente” da percepção, da crítica, entre outros que, por meio das melhores aulas, pode crescer e gerar frutos.

Trabalhar as categorias geográficas (lugar e paisagem), estas que estão inteiramente ligadas à vivência dos alunos e sendo estudadas de forma lúdica é uma das alternativas de deixar as aulas mais dinâmicas, colaborando para que ocorra a interação entre o professor e o

aluno, contribuindo para o crescimento de ambas as partes, contribui no aprendizado, visto que, desde a institucionalização da geografia, as aulas são cansativas por serem monótonas.

Vale ressaltar que a mudança metodológica não acontece de uma hora para outra e que nem todos os alunos estão dispostos a acompanhar esse novo jeito de aprender, assim como muitos professores (não é o caso do supervisor), pois por estarem acostumados com o mesmo, não sentem o interesse em buscar o novo por ter que sair da zona de conforto. Para que ocorra o diferente, alguém deve dar o primeiro passo.

A Universidade e a Escola é uma parceria que vem dando certo, pois os projetos de intervenção no âmbito das ações do PIBID, além de contribuir com novas estratégias metodológicas para o ensino de Geografia no ensino básico, possibilitaram à licencianda um enriquecimento de sua prática, lhe assegurando maior domínio de metodologias a serem utilizadas em sala de aula, contribuindo para o processo de formação inicial.

ABSTRACT

ANALYSIS CATEGORIES AND RECREATIONAL ACTIVITIES IN GEOGRAPHY TEACHING

Decontextualized teaching still “persists” in characterize Geography classes, making difficult for the students to be interested on the contents to be taught, we can change the scenario through methodologies applied in the classroom: the recreational is one of the alternatives. This work reports an experience developed with the group E, from the third year of high school, of the Ensino Médio Inovador e Profissionalizante Hortêncio de Sousa Ribeiro, in Campina Grande city, Paraíba state, through the Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPEs/UEPB – subproject Geography. Its main goal consists in showing possibilities of working the approaching of the theme “what my perception reaches”, through the geographical categories (place and landscape), which are directly linked to the student’s experience, disrupting the problem of Decontextualized teaching in the school life. Using a phenomenological method, applying innovative methodologies, encouraging students’ creativity through the recreational: photographic records for making a report in the form of a parody, or verse, and so on. By doing this, having a mural as the proof of the results obtained, showing that it is possible to use resources (cameras, cell phones) already available for the students, making them didactic resources than can and must be explored by the teachers, contributing for more interactive classes and preventing activities to become a burden for the students. Teachers have to adapt to the new generations, familiarized with everything that are interactive and practical.

Key-words: Geography teaching; Analysis categories; Recreational activity.

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, L.M.B. **ARTIGO**. Doutora em geografia e professora adjunta- departamento de geografia/UFSJ. Data de recebimento: 31,jan.2010 e aprovação 14, out.2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998, p. 27.

CARNEIRO, M.A. **Os projetos juvenis na Escola de Ensino Médio**. – Brasília-DF: Interdiscinar, 2001, p.94.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Helena Copetti Callai. - **Estudar o Lugar para Compreender o Mundo**- cap. 2, p. 84- 89. Porto Alegre: Mediação, 2000, 173p.

CORREIA, R. L. **Região e Organização do Espacial** – 8ª, Ed. São Paulo: Ática, 2008, p.33.

CUNHA, M. I. **O Bom Professor e sua prática**. Campinas-SP: Papyrus, 1989, p. 32.
de 17 a 20 de Setembro De 2014 - Ilhéus-Ba <<acesso em 15/ 01/2016, 21:20
<http://www.uesc.br/eventos/xvcontrogeografia/arquivos/artigo3-juniojs.pdf>>>

MORALES VALLEJO, P. (1994) –**A Relação Professor-Aluno em Sala de Aula- “La Relación Profesor-Alumno en el Aula”** (Título original) Revisão: Célia Regina Faria Menin. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999. Ed.5ª Agosto de 2004, p.57.

MORAN, J. M. et al. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**- Editora: Papyrus, Campinas-SP. 2000, p. 73.

RUPEL, M. A. P. **Atividades Lúdicas: proposições metodológicas para o ensino da Geografia Escolar**. SEED/UFPR. PDE /2009, p. 04-08.

SANTANA, V. R; CRUZ, H.J.C; SANTOS, M.B.C. **A Importância de Aprender Brincando: Uma Proposta Pedagógica no Ensino de Geografia**. Xv Encontro De Geografia Da Uesc Análise Espacial, Teórica e Prática no Saber Geográfico

SANTOS, M. (1926-2001). **Pensando o Espaço do Homem**. 5. Ed, 3 reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p.54.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Cadernos Geográficos: Notas Sobre Epistemologia da Geografia**. Universidade de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999. Reimpressão: nº12, Maio 2005.

VALDIR, N.; SÔNIA M. M. C. **Educação Geográfica e a Consciência Espacial Cidadã**. 6_Artigo_006_85-102.pmd. 2008, p. 90.